

O PRÊMIO ANDERSEN E ANA MARIA MACHADO

Marisa Lajolo – Unicamp

Discurso na sede da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil em 15 de junho de 2000.

MATRAGA 13, 2000

Ana Maria Machado ganhou o Hans Christian Andersen, o mais prestigioso prêmio internacional concedido a autores de livros para crianças e jovens. Beleza pura, que por si só faz jus a mafuás, melenas e cavalhadas, como dizia Manuel Bandeira.

Cavalhadas, melenas e mafuás que se intensificam e multiplicam quando lembramos que é a segunda vez que a Sereiazinha de Andersen fica verde-amarela: em 1982 Ligia Bojunga Nunes a trouxe, pela primeira vez, para a companhia de Angélicas, bolsas amarelas, Bisabias e Bisabéis.

Por ser um prêmio respeitado e muito disputado, e por ter sido por duas vezes concedido a escritoras brasileiras, o fato, além de paetês, confete e serpentina, merece reflexão.

Muitos brilhos e muita reflexão.

Como pode o Brasil, país de tão sofridas carências no que respeita à cultura escrita, ser por duas vezes considerado número um do mundo? Pois excelência em literatura não se improvisa nem se constrói da noite para o dia, e o ofício de escritor é menos individual e auto-centrada do que nos faz supor o mito romântico do escritor desgredado, numa da torre de marfim marginal da sociedade.

O ofício de escritor é radicalmente coletivo.

O paradoxo é instigante e é preciso aprofundá-lo para extrair dele aquilo que ele pode explicar-nos de nós mesmos. Compreender a aparente contradição começa por reforçar o descrédito da imagem do escritor como figura solitária e desligada do cotidiano, que em súbitos e inexplicáveis surtos de inspiração produz obras primas que lhe expressam a alma e os sentimentos mais recônditos.

Nada disso.

É falsa esta imagem do escritor que encontra expressão corrente nas vozes que chamam de *poeta* a pessoa que tempera a salada com açúcar e/ou é incapaz de operar um terminal de banco 24 horas.

Uma tal imagem de escritor, de seu ofício e de sua obra omite – e no pior dos casos distorce – o que há de essencialmente coletivo e de social no ofício da escrita literária.

É na esteira desta reflexão que se pode entender como lição de maturidade que a literatura infantil e juvenil brasileira contemporânea – e seu reconhecimento internacional – está ensinando às letras brasileiras..

É concebendo a literatura como sistema e como prática social que se intensifica e que encontra chave adulta e madura a expressão de nosso reconhecimento pelo prêmio de Ana e da alegria que este prêmio nos dá.

Gosto de inscrever, na premiação de minha querida amiga Ana - Aninha e Aníssima - de admirada, respeitada e amada escritora Ana Maria Machado um aspecto fundamental da literatura infantil brasileira contemporânea : sua maturidade.

É a partir dos anos setenta, que encontra herdeiros a força da literatura de Monteiro Lobato, no que ela tem de respeito pela criança, de militância de um brasileiro sob medida para um Brasil que - ao seu tempo se modernizava.

Nos anos setenta, o esforço pioneiro de Monteiro Lobato amadurece seus frutos. A irreverência de sua obra, a solidariedade que ela estabelece com as crianças, a inteligência tantas vezes irônica de seu diálogo com seus leitores, o apuro formal para deslitterarizar sua literatura, sua irrestrita e corajosa luta por tudo aquilo em que acreditava, fermenta nos anos setenta, nas novas vozes das quais a de Ana é emblema, vozes que igualmente se condecoram com o prêmio de Ana Maria Machado.

É isso que o prêmio reconhece, selando os tantos perfis que a moderna literatura infantil e juvenil brasileira assume nas competentes mãos de Ana, que ultrapassa seu mestre Lobato ao trazer para seus livros o perfil feminino, o respeito pela pluralidade cultural, a paisagem dos diferentes brasis, os conflitos da sexualidade, o jogo em cena aberta com a musicalidade da língua portuguesa.

Pois, claro, o Brasil de Ana não é o Brasil de Lobato e o projeto de modernização, do qual um sítio que dá petróleo é um bom exemplo completou seu ciclo em outro sítio, onde um vídeo cassete quebrado, acionado por um livro, propicia o milagre da aventura literária.

Mas o projeto de modernização social que Lobato viveu deixou suas marcas. Dos anos setenta para frente, o Brasil ainda carrega algumas cicatrizes desta primeira onda modernizadora. Mas é também um tempo novo, com novos problemas e novas respostas. Novas respostas que propõem novas perguntas, que de novo se tecem em novas respostas que, assim, entre pontos de interrogação, reticências, exclamações e alguns (muito poucos) pontos finais vão escrevendo novos capítulos da história brasileira.

Entre as mãos que a escrevem, as competentes e delicadas mãos de Ana Maria Machado.

A cambiante identidade de um Brasil de muitas cores, a multifacetada identidade feminina que ultrapassa tanto a cozinha de Tias Nastácia quanto a cadeirinha de pernas serradas da qual dona Benta cerze meias são, talvez o ponto cego da obra de Lobato. E são tópicos que emergem re-escritos e radiantes ao longo da obra de Ana.

Mas a herança de Lobato presente neste prêmio Hans Christian Andersen vai além dos aspectos intrínsecos de sua literatura, como também vai muito além de intrinsecidades a qualidade literária da literatura de Ana Maria Machado.

No caso da cultura brasileira, a percepção da dimensão social e coletiva da literatura, foi, pela primeira vez sistematicamente estudada por Antonio Cândido no seu hoje clássico *A formação da literatura no Brasil*. Ali, a compreensão de que a literatura não é intransitiva nem inconsútil, tampouco fruto de um gênio solipsista encontra formulação lapidar na discussão - do que hoje parece óbvio, mas que foi inovador ao seu tempo - de que um sistema literário se constitui apenas quando uma determinada sociedade dispõe de mecanismo que viabilizem o encontro sistemático e sempre prolongado de *autor / obra / público*.

A aparente obviedade da formulação desdobra sua complexidade quando entendemos que, para diferentes momentos históricos e para diferentes gêneros literários, são diferentes as formas de constituição e de interação destes três elementos.

E é exatamente nas diferentes formas de interação entre estes três elementos que a noção de escritor reencontra a dimensão coletiva de que tão ostensivamente desfrutava nos primórdios da cultura ocidental. O escritor, como voz plural, encontra sua genealogia quer nas situações de narrativas coletivamente compartilhadas em estalagens e festas do calendário agrícola, quer nas assembléias populares em que poetas como Homero - ou os anônimos cantadores que hoje seu nome recobre - entretinham uma platéia comovida às lágrimas com episódios de guerras ou intrigas amorosas.

A literatura infantil e juvenil brasileira, hoje festejando a Ana do prêmio e o prêmio da Ana reencontra, como já se disse, na imagem de um outro sítio - a força daquele sítio fundador do Pica-pau amarelo lobatiano.

É absoluta pertença de Ana a seu tempo, à sua terra e a seu povo que o prêmio Hans Christian Andersen celebra, celebrando, junto com ela, um gênero das letras tradicionalmente tido como menor mas que soube, na contracorrente a que foi sempre empurrado, construir sua voz, seu espaço, seus agentes, suas instituições, seu discurso crítico, sua história e sua teoria.

Razões mais do que suficientes para agradecermos a Ana, e aplaudirmos de pé sua premiação.